



## AS ELITES E OS CLUBES ESPORTIVOS EM SALVADOR, 1899-1924

Henrique Sena dos Santos<sup>1</sup>  
Mestrando em História - Universidade Estadual de Feira de Santana - BA

**Resumo:** Desde o final do século XIX, as elites, na tentativa empreender práticas culturais modernas, buscaram substituir festas religiosas, entrudos e outros divertimentos considerados desatualizados por lazeres modernos como o cinema, o *footing* e os carnavais europeizados. Seguindo este contexto, tal artigo pretende perceber como a fundação dos clubes esportivos em Salvador representou para as elites uma tentativa de criar novas formas e espaços de sociabilidades modernos. A partir da análise da estrutura dos clubes e dos eventos sociais organizados e protagonizados por estes, a ideia é compreender a emergência dos clubes esportivos no bojo da modernização da cidade. Ao final, oferecendo aos frequentadores um ambiente em que podiam conhecer novas pessoas, participar de confraternizações e praticar esportes, entendemos que os clubes constituíram novos espaços modernos da cidade.

**Palavras-chave:** Clubes esportivos; Cidade; Sociabilidades.

### The elites and the sports clubs in Salvador, 1899 - 1924

**Abstract:** Since the late nineteenth century, the elites, in an attempt to undertake modern cultural practices, sought to replace the religious festivals, entrudos, and others entertainments considered outdated by modern leisure, activities such as cinema, the *footing* and europeanized carnivals. Following this context, this paper aims to understand how the foundation of sports clubs in Salvador for elites represented an attempt to create new forms and spaces of modern sociability. From the analysis of the structure of clubs, parties and social events organized and stelled by them, the idea is to understand the emergence of sports clubs in the wake of the modernization of the city. In the end, giving to the members an environment where they could meet new people, participating in social gatherings and playing sports, we understand the sports clubs as new modern spaces in the city.

**Keywords:** Sports Clubs; City; Sociability.

### Considerações iniciais

Nas primeiras décadas republicanas experimentou-se um processo de ruptura com o passado colonial/monárquico, passando a compreender a vivência de novas

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)  
<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Mestrando em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. Email: henrisena@hotmail.com



experiências socioculturais, como o novo regime político e a tentativa de acompanhar os ideais europeus de civilidade e modernidade.<sup>2</sup> Neste sentido, os esportes, juntamente com os processos de modernização e urbanização das grandes cidades brasileiras, se configuraram na sociedade enquanto um fenômeno social que contribuiu para a constituição e afirmação de novos valores, antagônicos a um passado colonial/monárquico.<sup>3</sup> Os esportes contribuíram também para a construção de distinções sociais, diferenciando os seus primeiros praticantes, as elites urbanas das camadas populares.<sup>4</sup>

No bojo da modernização socioespacial da cidade, o surgimento e prática dos esportes, em Salvador, revelavam a busca dos seus idealizadores por uma nova configuração em torno do lazer e divertimento. Até então alguns setores das elites tinham a disposição formas de lazer como os carnavais, as festas religiosas e cívicas. Deste modo, entre as elites urbanas, constituídas de profissionais liberais, comerciantes, intelectuais, estudantes, e industriais pareceu existir a necessidade de cultivar certo tipo de lazer que deveria estar articulado com as sensibilidades e sociabilidades modernas. Neste sentido, os entrudos, procissões religiosas e outras formas de entretenimento consideradas ultrapassadas/desatualizadas deveriam ser substituídas pelas diversões da moda, como o cinema, os carnavais de máscaras inspirados em Veneza, os bailes noturnos, os chás dançantes, as soirées e o *footing*. Assim sendo, ao mar para remar ou mesmo assistir nos camarotes flutuantes os jovens desportistas, os banhos de mar, um passeio dominical por praças ajardinadas para acompanhar os jogos de críquete seriam formas de entretenimento que o esporte oferecia tanto para os praticantes quanto para os espectadores.

Cultivando os novos costumes, as elites buscavam substituir, portanto, os grupos subalternizados e os seus usos das ruas, largos e praças. O *footing*, os passeios das senhorinhas no fim de tarde, passariam a substituir a vendedora de quitutes na esquina ou o mendigo na calçada. Além disso, novas formas de sociabilidade passariam

<sup>2</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

<sup>3</sup> MELO, Victor Andrade de. **Cidade "Sportiva"**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Faperj, 2001; LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **O esporte na cidade: Aspectos do esforço civilizador brasileiro**. Campinas, 2000. Tese (Doutorado em Educação Física) Unicamp, 2000.

<sup>4</sup> ELIAS, Norbert, DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.



a ser valorizadas. Este foi o caso do cinema, dos carnavais de máscara estilo veneziano e as festas e bailes dançantes.<sup>5</sup> Enfim, a cidade deveria se “tornar um lugar prazeroso para o gozo dos cidadãos e, portanto, aparentar uma extensão da casa, ou seja, um lugar limpo, higiênico, agradável e moralmente saudável.”<sup>6</sup> Se para as elites a valorização dos novos costumes seria fundamental para a inserção baiana nos ideais civilizatórios, o cultivo do futebol e outros esportes e a consequente mudança da noção de lazer, de divertimento seria uma das principais formas para alcançar um novo ideal de sociedade.

Todavia, a busca por novas formas de lazer muitas vezes encontrava dificuldades por estar em alguma medida condicionada ao processo de modernização da cidade. Durante as duas primeiras décadas do século XX tal processo se revelou de modo muito diverso, variando entre momentos de declínio e crescimento, de certo modo condicionado ao fluxo e refluxo da economia baiana. No contexto que compreende este texto alguns autores concordam que a economia do Estado passou por fases de estagnação e desenvolvimento. Destaque para o período de 1897 a 1905 marcado por uma crise em decorrência de secas, restrições a créditos e outros entraves e 1906 a 1928, momento de recuperação da economia resultado do reabastecimento dos preços dos produtos agrícolas e a Primeira Guerra Mundial que favoreceu uma expansão comercial decorrente da exportação de produtos de gêneros diversos. Seguramente as variações da economia baiana aliada às predisposições dos governantes em implantar um projeto modernizador para a cidade influiu no caráter descontínuo da modernização física/estrutural da cidade.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> Alguns dos novos costumes soteropolitanos são discutidos em: ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. **Algazarra nas ruas: comemorações da Independência na Bahia**. Campinas: Editora da Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 1999; BARREIROS, Márcia da Silva. **Educação, Cultura e Lazer das Mulheres de Elite em Salvador, 1890-1930**. Dissertação (Mestrado em História) — FFCH, UFBA, 1997.

<sup>6</sup> FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. **“Fazendo fita”: cinematógrafo, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897 -1930**. Salvador: EDUFBA, 2002, pp. 30. Para mais informações sobre a o uso civilizado da cidade ver: ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. **A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

<sup>7</sup> Para maiores informações sobre a economia baiana no período consultar: MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Bahia, a cidade do Salvador e seu mercado no século XIX**. São Paulo: HUCITEC; Salvador: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978; TAVARES, Luís Henrique Dias. **O problema da involução industrial da Bahia**. Salvador: UFBA, 1966; LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. **A Rainha Destronada: discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas**. Tese (Doutorado em História) - PUC-SP, 2005, pp. 248 – 253.



Por outro lado, a tentativa de inserção da Bahia na chamada *Belle Époque* não ocorreu apenas com sua reforma física. Como salienta Marshall Berman, as ideias de modernidade e modernização se fundamentam pela busca da vivência de novas sociabilidades e práticas culturais na urgência de transformação e mudança em relação a um passado recente.<sup>8</sup> Nesta perspectiva, a modernidade se apresenta não só como um projeto de remodelação do espaço através de intervenções e inserções de novas tecnologias, mas principalmente pela busca por novas sensibilidades e sociabilidades, resultantes da necessidade de mudança dos padrões comportamentais e das relações sociais. Neste sentido, a remodelação do espaço necessariamente deveria vir acompanhada de novas formas de uso destes. Mesmo que em determinados momentos a situação econômica da Bahia não permitisse vãos maiores rumo ao progresso, o desejo das elites em se modernizar acabava contornando certos entraves.

Enfim, a tensão entre a descontinuidade do processo de modernização de Salvador e as aspirações de civilidade e progresso das elites soteropolitanas se revelou de modo intenso no desenvolvimento esportivo da cidade. Até 1920, Salvador não dispunha de nenhum equipamento moderno de lazer. Enquanto Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte contavam com praças esportivas, os jovens soteropolitanos praticavam esportes terrestres em campos inapropriados ou em praças e logradouros públicos adaptados. No caso do futebol, muitas das partidas realizadas ainda na década de 1900 ocorriam em campos de terra batida. Somente em 1920 é que Salvador teria uma praça esportiva moderna com a construção do Campo da Graça, um estádio próprio para o futebol, com gramado e arquibancadas.

Deste modo, diante de uma relativa dificuldade ou despreocupação do estado em assegurar praças e espaços esportivos modernos, coube à iniciativa privada, através dos jovens endinheirados forjarem suas próprias estratégias de divertimento moderno. E o melhor modo encontrado por estes foi a fundação dos clubes esportivos.

## Os primeiros clubes de Salvador

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

<sup>8</sup> BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.



Em Salvador, segundo alguns memorialistas, o primeiro clube esportivo foi o Clube Bahiano de Remo. Fundado por ingleses em 1837, o clube parece ter tido apenas quatro anos de atividade.<sup>9</sup> Não encontramos outras referências sobre a sua existência. É provável que não fosse de uma agremiação propriamente dita, mas um grupo de rapazes de praticavam o remo esporadicamente.

Apesar de nenhuma evidência que confirme a existência daquele clube, a sua relação com os ingleses ratifica uma característica principal dos esportes modernos: a origem europeia, sobretudo, inglesa. O período histórico que corresponde da segunda metade do século XIX ao final da primeira guerra é marcado pelo predomínio da cultura britânica. A *pax britânica*, resultado do poder político e econômico do Reino Unido, contribuiu para que a Inglaterra fosse detentora de uma hegemonia cultural. Neste sentido, as práticas culturais britânicas difundiram-se pelo mundo à medida que seu poder e influência econômica chegavam a praticamente todos os continentes e regiões muito distantes do reino. Sabemos, por exemplo, que grandes empresas, instituições, bancos, igrejas, além das famosas ferrovias se estabeleceram em vários países, inclusive no Brasil.<sup>10</sup> Dessa forma, os britânicos, responsáveis pelos empreendimentos fora de sua terra natal, levavam consigo suas tradições, costumes e suas formas de lazer e instituições.<sup>11</sup> Foi assim, portanto, que os esportes e instituições derivadas tiveram uma difusão mundial.<sup>12</sup>

Apesar do insucesso desconhecido da empreitada do clube de remo em 1837, foram os ingleses que influenciaram consideravelmente a fundação de outros clubes esportivos por parte dos baianos. O então Clube de Cricket Vitória foi um deles. Ainda na década de 1860 os ingleses comerciantes ou representantes de organizações britânicas praticavam o críquete esporadicamente na Fonte do Boi no Rio Vermelho, na

---

<sup>9</sup> AZEVEDO, Ricardo. **Eu sou um nome na história: a história do Esporte Clube Vitória. Tradição – 1899 – 1939. Da fundação ao fim do amadorismo.** Salvador: ALPHA CO, 2008, pp. 13.

<sup>10</sup> O poder cultural da Inglaterra se revela, por exemplo, na tentativa de implantar no meio da selva amazônica uma ferrovia. Sobre este tema sugiro: HARDMAN, Francisco Foot, **Trem fantasma: a modernidade na selva.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

<sup>11</sup> Para uma análise da relação entre os ingleses e difusão dos esportes, conferir: POTER, Roy. Os ingleses e o lazer. In: CORBIN, Alain. (org.). **História dos Tempos Livres.** Lisboa: Teorema, 2001.

<sup>12</sup> Para o processo de formação da hegemonia da cultura burguesa britânica sugiro duas obras de um mesmo autor: GAY, Peter. **A Educação dos sentidos - a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989; GAY, Peter. **O século de Schnitzler: a formação da cultura da classe média, 1815 – 1914.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.



Quinta da Barra próximo ao Farol da Barra e principalmente no Campo Grande, uma praça que ainda não era ajardinada. Muitos jovens baianos costumavam frequentar estas partidas e os ingleses “gentis como sempre se propunham a ensinar alguns fundamentos do esporte a eles, e até contar com a presença de algum em um dos times, quando não havia número suficiente de ingleses.”<sup>13</sup> Por parte dos baianos o entusiasmo por estes jogos os levaram a fundar um clube, Clube de Cricket Vitória, onde poderiam praticar o críquete com mais regularidade e assim rivalizar com os ingleses. Entre os fundadores do Vitória em 13 de maio de 1899 estavam Artêmio Valente, Fernando Kock, Juvenal Teixeira, J. Espinheira Costa Pinto e muitos outros jovens endinheirados que buscavam no clube novas diversões. A razão do nome Vitória foi o fato de Artêmio Valente, primeiro presidente do clube, ser morador do bairro nobre da cidade de mesmo nome. Dias após o entusiasmo da fundação, “foi levantado como doação inicial 382\$000 para despesas com o material esportivo e papelaria.”<sup>14</sup> Ficou decidido que os sócios pagariam “a mensalidade de 1\$000 como manutenção, podendo, cada qual, aumentar conforme suas possibilidades.”<sup>15</sup>

A fundação do Vitória empolgou os ingleses para a fundação de um clube próprio. Embora praticassem o críquete há um bom tempo, ainda não tinham um clube esportivo.<sup>16</sup> Não há consenso sobre a data da sua fundação. Alguns afirmam ser 15 de novembro de 1899. Já outros entendem que os ingleses só conseguiram fundar um clube por volta de meados de 1902.<sup>17</sup> Independente da data, um dos motivos para a fundação do Club Internacional de Cricket estava ligado aos “insistentes pedidos do clube de Cricket Vitória.”<sup>18</sup> Para os baianos, um clube de ingleses conhecedores do críquete

---

<sup>13</sup> AZEVEDO, Ricardo. *Eu sou um nome na história: a história do Esporte Clube Vitória. Tradição – 1899 – 1939. Da fundação ao fim do amadorismo*. Salvador: ALPHA CO, 2008, pp. 15.

<sup>14</sup> AZEVEDO, Ricardo. *Eu sou um nome na história: a história do Esporte Clube Vitória. Tradição – 1899 – 1939. Da fundação ao fim do amadorismo*. Salvador: ALPHA CO, 2008, pp. 19.

<sup>15</sup> AZEVEDO, Ricardo. *Eu sou um nome na história: a história do Esporte Clube Vitória. Tradição – 1899 – 1939. Da fundação ao fim do amadorismo*. Salvador: ALPHA CO, 2008, pp. 19.

<sup>16</sup> De acordo com Mário Gama a prática do críquete pelos ingleses em Salvador ocorria desde 1860. Conferir: GAMA, M. Como os “sports” se iniciaram e progrediram na Bahia. In: *Diário oficial do Estado da Bahia, Edição Especial do Centenário*. Salvador: s.e, 1923, pp. 319.

<sup>17</sup> Para Ricardo Azevedo o ano de fundação do clube foi o mesmo do Vitória. Já para Aroldo Maia em seus manuscritos o surgimento da agremiação teria ocorrido em 1902.

<sup>18</sup> MAIA, Aroldo. *Historia do Club Internacional de Cricket*. sp. sd.



intensificaria a prática deste esporte. Segundo Aroldo Maia no documento de fundação do clube constava:

*Os abaixo assinados desejando fundar neste Estado entre os membros da colônia inglesa uma sociedade esportiva para a prática em geral dos esportes terrestres e principalmente do críquete declaram estar de acordo pleno com a iniciativa e prometem comparecer à reunião que se realizará no dia 10 de setembro, às 10 horas da manhã na residência do Sr. Frank Gordon May quando será definitivamente fundada a dita sociedade.<sup>19</sup>*

Além do críquete, o Internacional também participaria do futebol, do remo adquirindo os barcos do suposto Clube Bahiano de Remo, além de ser um dos introdutores do tênis na Bahia. Todavia, nos seus primeiros anos os ingleses protagonizavam com o Vitória as primeiras partidas de críquete entre clubes na cidade.

Quando não eram os ingleses com o seu críquete que ensejavam a fundação de um clube, era o remo e as experiências desta atividade no Rio de Janeiro que assumiam um papel catalisador. Alguns comerciantes cariocas que negociavam em Salvador acabaram se fixando na capital e ajudaram na difusão desta modalidade pela cidade.

Este foi o caso de Torquato Correia que chegou à Bahia em agosto de 1902. Praticante do remo e filiado do Clube de Regatas Flamengo, Torquato “pensou em fundar um clube para dar maior animação ao esporte que tanto amava.”<sup>20</sup> Logo reuniu alguns amigos e em homenagem a capital baiana nomeou o seu clube de Clube de Natação e Regatas São Salvador. Após fundá-lo, Torquato retornou ao Rio de Janeiro prometendo regressar com dois barcos para a sua organização. O São Salvador rapidamente tornou-se o clube dos principais membros das classes abastadas soteropolitanas. Zuza Ferreira um dos introdutores do futebol na Bahia, inclusive foi um dos seus primeiros sócios, além da aristocrática família Costa Pinto que teve um dos seus membros José de Aguiar Costa Pinto como presidente do clube em 1905. Carlos Costa Pinto outro integrante da família também se filiou ao São Salvador. Neste caso a sua filiação foi por meios inesperados. Então associado ao Vitória, Carlos teve um desentendimento com Artêmio Valente, um dos fundadores do rubro-negro. O contratempo fez com que Carlos e mais trinta sócios se filiassem ao São Salvador.

<sup>19</sup> MAIA, Aroldo. *História do Club Internacional de Cricket*. sp. sd.

<sup>20</sup> MAIA, Aroldo. *História do Club de Natação e Regatas São Salvador*. sp. sd.



# VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2011  
www.veredasdahistoria.com

Ano IV - Ed. 1 - 2011  
ISSN 1982-4238

Em Salvador, o remo já era praticado pelo o Vitória em 1901 que também teve a sua instituição relacionada com o Rio de Janeiro. O presidente do clube em 1902, César Spínola foi um introdutor desta modalidade. Chegando a Salvador para estudar na Faculdade de Medicina, César “praticava remo e era ligado ao Flamengo.” A convite de um sócio do Vitória, Antônio Cypriano Gomes, ingressou no Vitória e propôs a criação de um departamento náutico. Um dos motivos da sua iniciativa foi que no Rio de Janeiro, “os remadores chamavam bastante atenção das mulheres da cidade.”<sup>21</sup> Com a criação do departamento náutico “uma garagem no Porto da Barra foi prospectada e escolhida como a nova sede do clube, se transformando em ponto de encontro dos associados, recebendo, inclusive, festas comemorativas.”<sup>22</sup> Com a criação de um departamento náutico mudou-se o nome do clube para Sport Club Vitória, uma vez que não havia sentido ter um nome ligado exclusivamente ao críquete.

Um mês após a fundação do São Salvador, em sete de setembro outro clube de regatas foi fundado, o Club de Regatas Itapagipe. A sua origem foi influenciada pela existência do clube de Torquato que ofereceu a residência da família Costa Pinto para as primeiras reuniões de fundação. Segundo Aroldo Maia, com o surgimento do clube, “a animação na península pela fundação do seu clube para a prática do remo, chega ao auge e todos querem pertencer ao clube.”<sup>23</sup> Com a rápida inscrição de vários adeptos foi possível comprar uma canoa a dois remos com a arrecadação das jóias. A sua aquisição foi festejada com um batizado simbólico.

A presença do Vitória, São Salvador e Itapagipe intensificou a prática do remo na cidade. As regatas eram realizadas na enseada dos Tainheiros na península de Itapagipe, geralmente nos fins semana. Nestes eventos os familiares e interessados acompanhavam os duelos em barcos que serviam de camarotes flutuantes. Juntamente como o futebol entre 1901 e 1905 a quantidade de espectadores e praticantes aumentava gradativamente e assim estes esportes assumiam a centralidade nas práticas esportivas na cidade. O críquete que, de certa forma, predominava na cultura esportiva desde a

<sup>21</sup> AZEVEDO, Ricardo. *Eu sou um nome na história: a história do Esporte Clube Vitória. Tradição – 1899 – 1939. Da fundação ao fim do amadorismo*. Salvador: ALPHA CO, 2008, pp. 27.

<sup>22</sup> AZEVEDO, Ricardo. *Eu sou um nome na história: a história do Esporte Clube Vitória. Tradição – 1899 – 1939. Da fundação ao fim do amadorismo*. Salvador: ALPHA CO, 2008, pp. 27.

<sup>23</sup> MAIA, Aroldo. *Clube de Natação e Regatas Itapagipe*, sp. sd.





segunda metade do século XIX perdia a sua força por ser uma prática muito ligada aos ingleses. De algum modo o remo foi a primeira atividade a atrair um maior número de espectadores. Embora a sua chegada tenha ocorrido no mesmo período que o futebol, as regatas eram realizadas com mais regularidade e a consequência disso foi uma maior estruturação em torno do remo.

Também foram os clubes de remo que idealizaram a primeira liga esportiva de remo. Sob a liderança do Vitória fundaram em 1904 a Federação de Clubes de Regatas da Bahia. Esta organização foi responsável pelos primeiros torneios esportivos realizados na Bahia que se tem notícia.<sup>24</sup> Esta competição inclusive era marcada por muita civilidade e distinção social. Na primeira regata oficial, em dois de abril de 1905, a Revista *Semana Esportiva*, 18 anos depois, lembrava que naquele evento:

*O aspecto do Porto dos Tainheiros era lindíssimo. As arquibancadas que fizera construir a Federação estiveram repletas, de gente da melhor sociedade baiana. A beira do cais apinhava-se o povo. E no mar, coalhado de pequenas embarcações garridas, avultavam abarrotados e festivos, os vapores da “Navegação Baiana” “Nazareth”, “Gonçalves Martins” e “Itaparica.”<sup>25</sup>*

A revista lembrava que entre as mais de 20 mil pessoas, estavam “o Governador do Estado, o Secretário do Interior, o Comandante do Distrito Militar, o Capitão do Porto, os cônsules de vários países e outras pessoas de representação social”<sup>26</sup> Já o jornal *Diário de Notícias* na época parabenizava os seus idealizadores pela “brilhante festa.” Para o jornal a competição tão bem organizada perduraria “na história das diversões baianas como um belo destaque de alegria, de elegância e de civilização.”<sup>27</sup> Pelo menos durante cinco anos após o surgimento da Federação de Clubes de Regatas é possível observar na imprensa o impacto desta prática na cidade. Não só pelo brilhantismo das festas, mas pelo fato das regatas necessitarem de muitas pessoas para a sua organização e efetivação. Para que uma competição fosse possível,

---

<sup>24</sup> A ideia de torneio utilizada aqui pressupõe a organização de clubes em torno de uma federação regida por estatutos. Como não foi possível encontrar nenhum registro que comprove algum tipo de organização anterior, cabe a Federação de Regatas da Bahia o pioneirismo de uma organização esportiva.

<sup>25</sup> Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 117, 21 de julho de 1923.

<sup>26</sup> Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 117, 21 de julho de 1923.

<sup>27</sup> Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 03 de abril de 1905.



era preciso montar desde as arquibancadas no cais, passando pela ornamentação dos vapores que serviam de camarotes flutuantes e finalmente a organização e transporte dos barcos e canoas utilizados pelos atletas. Talvez pela capacidade de reunir tantas pessoas que organizavam, assistiam e praticavam o remo é que os jornais denominavam os eventos de “As Grandes Regatas.” Nestas, como a ocorrida na primeira regata, é que para a imprensa e para as elites o esporte estava civilizando os envolvidos. Nas Grandes Regatas de 28 de abril de 1907 o *Diário de Notícias* lembrava o quanto foi bela a grande festa náutica. Na notícia, o periódico deu especial atenção aos camarotes flutuantes que transportavam os torcedores para o mar. Estes camarotes eram embarcações ornamentadas onde eram oferecidos não apenas uma vista melhor dos remadores, mas serviços de bufê e filarmônicas que animavam os torcedores e a tripulação. Cada clube organizava um vapor específico para os seus torcedores e poderíamos até supor que existia uma disputa para saber qual o barco era o mais suntuoso. Sobre o vapor Jaguaripe que levava os sócios do Vitória o *Diário de Notícias* destacava:

*Boa música e reunião seleta de exímias famílias, o Jaguaripe apresentava um aspecto delicioso com bandeirolas, onde as cores do simpático clube sobre saiam, admiravelmente num belo conjunto. O entusiasmo dava nota no belo vapor, onde vivas incessantes, extraordinários por vezes abafavam a seleta música que se tocava.*<sup>28</sup>

Por sua vez, o Vapor Sergy que transportava os adeptos do São Salvador não ficou atrás do Jaguaripe ao ter presente “estudiosa banda do 1º corpo de polícia” que executou brilhantes trechos do seu vasto repertório.”<sup>29</sup> Por fim, o jornal destacava que “é de justiça salientar o serviço de bufê, que esteve a cargo do pessoal do Café Cabral, conhecida casa do Sr. Irenio Paes Coelho, sendo a abundante e metodicamente servido a modo de satisfazer a quantidade de pessoas.”<sup>30</sup>

Por toda essa capacidade, para os cronistas da época e até as memórias de colonistas nos anos 1920, o remo superava o futebol no que diz respeito à magnificência do evento. Alguns colonistas da *Semana Esportiva* lembravam que no seu começo as “regatas na Bahia eram um dos fatos mais ansiosamente esperados pela nossa

<sup>28</sup> Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 29 de abril de 1907.

<sup>29</sup> Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 29 de abril de 1907.

<sup>30</sup> Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 29 de abril de 1907.



# VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2011  
www.veredasdahistoria.com

Ano IV - Ed. 1 - 2011  
ISSN 1982-4238

população. Era então, a melhor festa do ano, comprável, em delírio, ao carnaval quando ainda existiam os Fantoques e Cruz Vermelha.”<sup>31</sup> No quesito do brilhantismo, a supremacia sobre o futebol pode ser justificada pelo fato das regatas disporem de uma grande estrutura para a sua realização, permitindo aos *sportmens* e torcedores desfrutar de todo o luxo e comodidade oferecidos nas arquibancadas e camarotes flutuantes. É provável que estes fatores contribuíssem para expressar mais explicitamente o caráter civilizatório e restrito das festas náuticas. Os populares nestes eventos raramente ultrapassavam a condição de meros expectadores a beira do porto dos Tainheiros. Dificilmente seria possível encontrá-los nos barcos, servindo-se de licores, champanhes, bombons ou salgadinhos nos bufês do Café Cabral. Ou melhor, poderíamos até encontrá-los, mas servindo a comida e bebida ou cuidando e guiando o Vapor como tripulantes.

Por outro lado, o futebol no seu princípio não dispunha de arquibancadas e até mesmo gramados. Finalmente era realizado em espaços públicos que permitiam um contato muito próximo entre os jogadores e torcedores o que não acontecia no remo. Definitivamente o envolvimento popular no futebol era muito mais fácil o que, para as elites da cidade, apagava um pouco o brilho das festas futebolísticas.

No entanto, apesar de uma efervescência esportiva em torno do críquete e principalmente do remo, notamos que a quantidade de agremiações esportivas na cidade ainda eram poucas. Do final do século XIX até 1904 os clubes baianos se resumiam a Vitória, Internacional, São Salvador, Itapagipe, além do São Paulo e Bahiano dois clubes de futebol fundados em 1903. Para além da incipiência soteropolitana na experiência esportiva, podemos imaginar outros motivos. Excetuando-se os dois clubes futebolísticos, os outros praticavam modalidades que não eram fáceis de serem consolidadas. No remo, até os jovens da elite tinham alguma dificuldade em comprar barcos e pás. Alguns equipamentos eram importados e comprados através doações e campanhas de arrecadação de dinheiro. Além disso, muito provavelmente Salvador não tinha casas comerciais que vendiam tal aparelhagem. Por fim, manter toda aquela

---

<sup>31</sup> Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 39, 31 de dezembro de 1921. Estes clubes eram carnavalescos que nos carnavais do início do século XX se tornaram famosos por organizarem grandes desfiles ricamente ornamentados.



# VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2011  
www.veredasdahistoria.com

Ano IV - Ed. 1 - 2011  
ISSN 1982-4238

pompa e luxo das festas náuticas não era nada barato, ainda mais em uma cidade que havia perdido a centralidade econômica para Rio e São Paulo. A Federação de Regatas não teve muitos clubes participantes e durante praticamente toda a década de 1910 teve a suas atividades temporariamente encerradas. Segundo os jornais, o fator determinante para a interrupção das regatas foi a eclosão da primeira guerra mundial, mas podemos imaginar que a própria dificuldade de gerenciar o mundo esportivo náutico como um motivo. Durante toda a década de 1910 desconhecemos notícias sobre regatas o que nos levou a deduzir que os clubes praticariam a atividade apenas esporadicamente. Somente em 1921 o remo voltaria a ser praticado com mais regularidade com o ressurgimento da Federação.

O críquete, além de exigir equipamentos também importados era um jogo bastante complexo e com muitas regras. A sua popularidade e atividade se dava quase que exclusivamente entre os ingleses e um ou outro clube interessado. Enfim, a prática destas duas atividades era muito custosa, somente jovens realmente endinheirados tinham condições de se aventurar nestas modalidades.

De certo modo, a chegada do futebol em 1901 alteraria significativamente o pequeno cenário clubístico da cidade. A iniciativa de paulistas da Faculdade de Medicina e de alguns comerciantes em fundar respectivamente o Sport Club São Paulo-Bahia e o Sport Club Bahiano, clubes de futebol, trouxe consequências positivas com a criação dos departamentos de futebol pelo Vitoria Internacional e São Salvador. Todavia, foi a criação de um campeonato de futebol por estes mesmos clubes em 1904 que a cidade sofreria um surto de agremiações. O torneio alterou o cotidiano do lazer em Salvador. Praticamente todos os domingos, geralmente ente os meses de maio e setembro era dia de jogo no Campo da Pólvora. Estas partidas atraíam um bom público interessado na novidade, o lugar era público e ficava no distrito de Nazaré, centro da cidade. Só por estes fatos a presença do futebol em Salvador já diferia do remo, uma vez que este tinha o seu espaço em Itapagipe, relativamente longe do centro urbano em uma cidade que enfrentava dificuldades no setor de transportes. Além disso, o futebol não demandava uma grande estrutura para ser realizado. Por sua vez, o público estava mais próximo dos jogos e não precisava assistir o certame de longe ou ter que aventurar-se em camarotes flutuantes para uma maior proximidade com os contendores como no



remo. Certamente esta liga teve influência direta na fundação de novos clubes. Apenas um ano após a primeira edição do torneio em 1906, facilmente encontramos o surgimento de mais de três dezenas de organizações futebolísticas.<sup>32</sup> Uma parte considerável desses clubes tinha em seus nomes a palavra Foot-ball o que indicava que a principal prática esportiva era aquela atividade. Sobre o Ceará Foot-ball Club, o *Diário de Notícias* informou que “mais uma sociedade de foot-ball acaba de ser fundada nesta capital, o que demonstra o gosto que entre nós se vai tomando pelos sports, tão úteis ao desenvolvimento físico.”<sup>33</sup> Sobre as associações que vinham com o termo Sport Club podemos supor que o futebol poderia ser uma prática, embora não fosse a principal. Dentre as modalidades comumente encontradas nos períodos destacavam-se o ciclismo, as corridas pedestres, a esgrima e a ginástica. Executando-se as principais agremiações, infelizmente era muito difícil encontrar detalhes sobre o cotidiano esportivo da grande maioria das agremiações. Elas costumavam aparecer apenas em notícias que informavam muito sucintamente a ocorrência dos seus eventos, geralmente partidas de futebol. Também não existia na imprensa baiana nenhum periódico especializado em esporte que reunisse informações mais detalhadas sobre a atividade destes clubes, o que no Rio de Janeiro era presente desde o século XIX. Outra forma de aparecer, e a que mais ocorria, partia da iniciativa dos próprios dirigentes que, ao fundarem seus *teams* e *clubs*, recorriam à imprensa para anunciar a novidade. Sobre o Sport Club Olinda, o *Diário de Notícias* em 1906 divulgou:

*A digna diretoria desse club esportivo, cujo nome pomos no alto desta notícia e que recentemente se instalou em Itapagipe, com sede à Praça Conselheiro Freire de Carvalho, no intuito elogiável de desenvolver física moralmente os seus associados por meio e diversões efetuadas naquele apreciado arrabalde nos enviou no sábado último a lista dos seus diretores no dia 16 do fluente, para que aqui transcrevemos.*<sup>34</sup>

<sup>32</sup> Entre os clubes noticiados pelo *Diário de Notícias*, encontramos: Ceará Foot-ball Club, Caymbé Foot-ball Club, Sport Club Santa Cruz, Fluminense Foot-ball Club, Sport Club Java, Ideal Foot-ball Club, Sport Club Patria, Sport Club Olinda, Sport Club Phebo, Sport Club Paraíso, Grupo Foot-ball Chile, Sport Club Republicano, Sport Club Liberdade, Sport Club Primavera, Athletico Foot-ball Club, Derby Foot-ball Club, Ceci Foot-ball Club, Foot-ball Club Transwall, Sport Club União e Sport Club Athenas.

<sup>33</sup> Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 20 de julho de 1906.

<sup>34</sup> Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 25 de maio de 1906.



# VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2011  
www.veredasdahistoria.com

Ano IV - Ed. 1 - 2011  
ISSN 1982-4238

Naquele mesmo ano e em outros, o jornal divulgava muitas notícias de fundação de clubes no interior do estado evidenciando a expansão do movimento clubístico para além da capital. Não raramente os jovens de cidade próximas da capital como Itaparica, Nazaré das Farinhas, Mar Grande, Santo Antônio de Jesus, Feira de Santana e até locais mais distantes a exemplo de Ilhéus utilizavam-se dos periódicos soteropolitanos para informar o surgimento das suas agremiações. Em junho de 1906, Mario Vicente Viana o primeiro secretário do Sport Club Guarany, anunciava que em maio daquele ano “reunido diversos jovens da sociedade santamarense, formaram o club já nomeado e destinado ao exercício de jogos esportivos tão necessários à recreação ao desenvolvimento da sociedade.”<sup>35</sup> Um motivo para tantas associações de futebol é que o jogo de bola constituía-se em regras simples e objetivas. O investimento era consideravelmente mais barato em relação às atividades concorrentes e a importação de materiais não era tão difícil. Até mesmo algumas casas comerciais já vendiam bolas e outros apetrechos. Em 1903 uma loja, a Pinto Moreira, “anunciava nos jornais que as meias para a prática do *foot-ball* já tinham chegado da Europa.”<sup>36</sup> Camisas, calções e meias poderiam ser confeccionadas e as botas, com o acréscimo de travas, se tornavam facilmente em chuteiras. Finalmente os campos de futebol poderiam ser as praças e largos da cidade, uma vez que em Salvador não existiam praças esportivas apropriadas. Enfim, se as peculiaridades da modernização soteropolitana limitavam o progresso esportivo do Estado, o potencial de reinvenção do futebol criou oportunidades para a cidade buscar a seu modo um espaço no moderno universo esportivo. Para as classes médias sem status simbólico e até populares que financeiramente não tinham as mesmas condições de fundar clubes de críquete e remo ou participar dos clubes mais elitizados de Salvador, o futebol foi uma grande oportunidade para estes setores entrarem na moda do *sport*.

Após o surto de associações ainda nos seis primeiros anos de introdução do futebol e do remo, nas duas primeiras décadas do século XX Salvador experimenta um fluxo quase que ininterrupto de surgimento de clubes, sendo que uma boa parcela deles era formada pelas classes médias e elites. Neste meio existiram também os clubes

<sup>35</sup> Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 07 de junho de 1906.

<sup>36</sup> MAIA, Aroldo. **Almanaque Esportivo da Bahia**. Salvador: Helenicus, 1944, pp. 6.



populares. Embora haja uma diversidade de classe na formação destas associações, tanto as elites como os setores de uma classe média de um modo geral procuravam nestas instituições novas formas de lazer em um contexto no qual visavam se inserir na esteira das experiências europeias. Neste contexto o caráter inovador do lazer que jovens buscavam nos clubes esportivos estava ligado ao ideal de corpo saudável e esteticamente belo.

Isso não quer dizer que em Salvador não existiam formas de lazer que envolvesse alguma atividade corporal. Todavia, estas não podiam ser definidas enquanto práticas esportivas. Mário Gama, um *sportmen*, secretário do Club Bahiano de Tênis em 1921, nas horas vagas, memorialista dos esportes baianos afirmava que:

*Entre nós devem ter sempre existido desde os primeiros dias de sua independência, exercícios que visavam, não o desenvolvimento metódico e racional do corpo humano, mas a demonstração da capacidade física de cada indivíduo. Não havia o intento, jogos de então, de um desenvolvimento físico a par do aperfeiçoamento de certas qualidades do espírito, qualidades essas, segundo a opinião de todos os autores modernos, indispensáveis à prática do Sport na sua própria significação.<sup>37</sup>*

O comentário do autor indica o argumento que define historicamente o surgimento do esporte. Para Mario Gama e os seus contemporâneos em seu sentido moderno, o esporte se referia a uma prática de exercício do corpo sistematizada e acompanhada de métodos racionais. Outro objetivo tão importante quanto exercitar o corpo metodicamente era que o esporte deveria estimular qualidades do espírito como o controle das emoções, a lealdade e o cavalheirismo.<sup>38</sup> Deste modo, historicamente o esporte estava inserido nos novos parâmetros culturais auferidos pela cultura ocidental, como a busca pelo corpo física e mentalmente saudável. Nas sociedades contemporâneas este deveria ser exercitado metodicamente para acompanhar o novo ritmo das cidades. Para Mônica Schpun, “a urbanização exige assim uma nova cultura física masculina e feminina, novas atividades e novas formas de apresentação corporal

---

<sup>37</sup> GAMA, Mario. Como os “sports” se iniciaram e progrediram na Bahia. In: **Diário oficial do Estado da Bahia, Edição Especial do Centenário**. Salvador: s.e, 1923, pp. 319.

<sup>38</sup> Sobre o conceito moderno de esporte, dois referenciais são importantes: BOURDIEU, Pierre. “Como é possível ser esportivo?”. In: \_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983; ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.



próprias à cidadania que se institui nas cidades grandes.”<sup>39</sup> Correspondendo a objetivos morais, sociais e ideológicos, neste sentido, o esporte tinha como meta permitir que homens e mulheres “se recreassem, distendessem e remediassem pela pressão suscitada pelas exigências das cidades, aumentando ao mesmo tempo a capacidade daquelas para o aforismo da competitividade que permeava algumas esferas da vida social como o trabalho.”<sup>40</sup> Enfim, as práticas esportivas buscavam mesclar contraditoriamente elementos advindos de uma aristocracia como o respeito, lealdade com as demandas do mundo capitalista como a competição, a superação e a disputa. Portanto, atividades corporais, como a cavallhada, existentes na Bahia na década de 1820, para os próprios contemporâneos não se encaixariam na modalidade de esporte. Embora estas atividades fossem formas de lazer envolvendo o exercício do corpo, não estavam preocupadas em desenvolvê-lo racionalmente tampouco estavam preocupadas em aprimorar as qualidades do espírito.<sup>41</sup>

Para Mario Gama e os seus contemporâneos até mesmo as corridas de cavalo já não poderiam ser consideradas como práticas esportivas.<sup>42</sup> Estas desde o final do século XIX eram realizadas no *ground* da Boa Viagem e do Rio Vermelho que em 1907 foi adaptado para o futebol. Nas duas primeiras décadas do século XX foi muito difícil encontrar notícias sobre o turfe, o que dificultava a sua localização e precisão. Supomos que estas atividades tiveram dois momentos de prática regular: nas duas últimas décadas do século XIX e a partir de 1920 quando voltou a ser realizado no Rio Vermelho e

---

<sup>39</sup> SCHPUN, Mônica Raisa. **Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20**. São Paulo: SENAC, 1997, pp. 107. Para uma análise mais detida sobre o caráter civilizatório do futebol no Brasil conferir: LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **O esporte na cidade: Aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas**. Tese (Doutorado em Educação Física) Unicamp, 2000; MELO, Victor Andrade de. **Cidade "Sportiva"**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Faperj, 2001.

<sup>40</sup> VIGARELLO, Georges, HOLT, Richard. Ginastas e esportistas no século XIX. In: CORBIN, Alain (org.). **História do Corpo, volume 2**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008, pp. 420.

<sup>41</sup> Uma análise sobre as práticas corporais que não eram esportes pode ser encontrada em: DEL PRIORE, Mary. “Jogos de cavaleiros”: as atividades físicas antes da chegada do esporte. In: \_\_\_\_\_ & MELO, Victor Andrade. (org.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

<sup>42</sup> Nos próprios textos do autor e de outros que sintetizavam a história do esporte na Bahia não encontramos nada ou quase nada sobre o turfe.





passou a ser periodicamente noticiado na imprensa.<sup>43</sup> O turfe era uma prática emblemática, pois, embora possuísse elementos da cultura esportiva como a competição, a disputa e, em alguns momentos, um esboço de calendário próprio, não tinha, ao menos para os contemporâneos, as características mais elementares para ser definida como um esporte.<sup>44</sup> Segundo Mario Gama, os autores eram unânimes em concordar que “só há *sport* propriamente dito, quando tais exercícios físicos são praticados com método, não somente com o fito de aperfeiçoar o corpo humano, mas também, e muito principalmente, com o de educar o espírito.”<sup>45</sup> Por esta condição ficava difícil para os autores chamar de esporte uma atividade em que os cavalos se exercitavam. Além disso, a corrida de cavalos favorecia as apostas prática que ia de encontro ao aperfeiçoamento das qualidades do espírito. No final, conceitualmente falando, o turfe se estabelecia em um espaço intermediário inclinando-se mais para a cavallhada do que para o remo ou o futebol.

De acordo com Mario Gama, na Bahia por volta nas décadas de 1860-70 “é que se começou a praticar alguma coisa que, embora de longe, se assemelhava a *sport*.”<sup>46</sup> Ele se referia ao críquete que naquele período timidamente praticado pelos ingleses, progressivamente se desenvolveu e em 1899 e 1902 já contava com alguma estrutura clubística com a fundação do Vitória e do Internacional.

Em um primeiro momento, as empreitadas dos clubes baianos então buscavam responder às demandas impostas pelo adágio “mente sã, corpo são”. Eram nestas agremiações que os jovens ricos buscavam aliar lazer e saúde através das atividades esportivas. Além disso, gradativamente os clubes começavam responder a outra necessidade que em Salvador era satisfatoriamente contemplada: a urgência por espaços de sociabilidades civilizados e modernos. Isto é, além de oferecer para os sócios um

---

<sup>43</sup> Com a construção do Campo da Graça em 1920 a maioria das partidas de futebol passou a ocorrer naquela praça diminuindo a utilização do *ground* do Rio Vermelho. Isso favoreceu a prática do turfe com mais regularidade.

<sup>44</sup> Sobre os problemas de definir o turfe como esporte conferir: MELO, Victor Andrade. Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: \_\_\_\_\_ & DEL PRIORE, Mary. (org.) **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora Unesp, 2009, pp. 62 – 70.

<sup>45</sup> GAMA, Mario. Como os “sports” se iniciaram e progrediram na Bahia. In: **Diário oficial do Estado da Bahia, Edição Especial do Centenário**. Salvador: s.e, 1923, pp. 319.

<sup>46</sup> GAMA, Mario. Como os “sports” se iniciaram e progrediram na Bahia. In: **Diário oficial do Estado da Bahia, Edição Especial do Centenário**. Salvador: s.e, 1923, pp. 319.



lugar apropriado para o fomento das práticas esportivas, as agremiações paulatinamente se tornavam espaços para encontros e eventos sociais, os quais eram frequentados não só pelos *sportmen*, mas pela alta sociedade de um modo geral.

## De piqueniques a réveillons ou as sociabilidades nos clubes das elites

Os clubes esportivos das elites que surgiram a partir de 1910 e até os mais antigos passaram ou tiveram que gravitar em uma conjuntura em que havia uma preocupação tanto esportiva quanto social. Se antes daquela data muitos clubes de elite ainda estavam se estruturando no campo esportivo, através da reforma das sedes, aparelhagem esportiva e organização da parte institucional, após 1910, sobretudo na década de 1920, há uma preocupação com uma estrutura que contemplasse uma demanda não unicamente esportiva. A partir deste momento a prática esportiva pelas elites necessariamente deveria estar acompanhada de uma estrutura clubística que conformasse festas e eventos sociais cada vez mais suntuosos. Afinal, o clube comportava não só os *sportsmens*, mas pais, namoradas, esposas, filhos entre outros parentes e familiares que viam no clube uma oportunidade de vivenciar as novas sociabilidades. Incluí-se nesse rol pessoas não ligadas aos clubes que também queriam participar deste cotidiano. Para as pessoas não diretamente ligadas a prática do futebol o ou outro esporte, o clube se revelou em um espaço de inserção em uma nova ordem do entretenimento. Nestes clubes “sob o epíteto genérico de ‘diversões’, toda uma nova série de hábitos físicos, sensoriais e mentais, são arduamente exercitados, concentradamente nos fins de semana, mas a rigor incorporados em doses metódicas como práticas indispensáveis da rotina cotidiana.”<sup>47</sup> Consequentemente a efetiva participação de novos membros não necessariamente ligados às práticas esportivas contribuiu largamente para que a cultura clubística deixasse de ser um modismo ligado unicamente aos *sportmens* para se tornar um estilo de vida. Para Nicolau Sevcenko, e

<sup>47</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, pp. 33.



podemos constatar isso, nas festas, chás, danças e tantos outros hábitos e práticas vivenciados antes mesmo dos clubes:

*(...) já existiam e estavam em vigência desde o começo do século, pelo menos. Mas é nessa conjuntura que eles adquirem um feito sinérgico, que os compõem como uma rede interativa de experiências centrais no contexto social e cultural: como a fonte de uma nova identidade e de um novo estilo de vida. Seu público é composto maciçamente dos que então passam a ser chamados, exatamente por serem adeptos dessas práticas e dessa mentalidade, os “jovens”, expressão que adquire um conotação toda especial e uma carga prodigiosa de prestígio.<sup>48</sup>*

Enfim, os clubes para as famílias das elites ofereciam um convívio social fora de casa seduzindo-as. Falando sobre a experiência do Rio de Janeiro é possível concordar com Rosa Araújo quando diz que “o lazer em comum era entendido como uma extensão natural da vida doméstica e não uma atividade supérflua, fazendo parte integrante do cotidiano familiar.”<sup>49</sup>

Além disso, no contexto soteropolitano entre 1912 e 1920 as competições em espaço público, as regatas e o futebol, deixaram de ser praticadas pelos principais clubes das elites. A principal competição esportiva da cidade o campeonato de futebol da Liga Bahiana de Sports existiu apenas entre 1905 e 1912. Supomos que pela falta de iniciativa do Estado em construir praças esportivas e a forte e rápida popularização do futebol fez com que Vitória, Itapagipe, São Salvador entre outros abandonassem os torneios e restringissem sua vida esportiva às festas, confraternizações e competições internas. A partir de 1912 há um forte predomínio de populares de futebol, sobretudo, com fundação da Liga Brasileira de Desportos Terrestres, que reunia muitos clubes populares e “constituídos na sua maioria de gente modesta e de cor.”<sup>50</sup> Para Aroldo Maia, com esta Liga:

*(...) os granfinos pertencentes aos clubes da Liga Bahiana afastaram-se das lidas esportivas, sendo raro aquele que despido dessa vaidade, aparecia envergando camisa dos clubes da Liga Brasileira. Dentre esses, destacamos*

<sup>48</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, pp. 33. – 34.

<sup>49</sup> ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. **A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, pp. 339.

<sup>50</sup> MAIA, Aroldo. **Almanaque Esportivo da Bahia**. Salvador: Hellenicus, 1944, pp. 30.



# VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2011  
www.veredasdahistoria.com

Ano IV - Ed. 1 - 2011  
ISSN 1982-4238

*Manoel Libertado que jamais levou a sério essa questão de cor, tão em voga, infelizmente naquela época.*<sup>51</sup>

Eram poucos os clubes das elites que participavam de alguma competição envolvendo clubes populares. A maioria preferiu se afastar, concentrando-se em suas atividades internas. Finalmente talvez não existissem tantos clubes sociais ou instituições de lazer na cidade como teatros e cinemas fazendo que os clubes necessariamente oferecessem outras funções para a diversão dos soteropolitanos abastados. Enfim, é neste bojo que os eventos sociais dos clubes esportivos das elites se tornavam tão ou mais importante que a prática do futebol ou outra atividade esportiva propriamente dita.

Seguramente o Clube Bahiano de Tênis, representou melhor este processo. Fundado em 1916 pelas famílias abastadas Tarquínio e Costa Pinto, nos seus seis primeiros anos de atividades, o Bahiano teve um desenvolvimento sem igual na história dos clubes esportivos baianos até pelo menos a década de 1930. Um dos motivos do seu sucesso era que o clube aliava a prática do esporte com a realização de grandes festas sociais que reuniam o escol da sociedade soteropolitana. Outro motivo para o sucesso pode ser observado na preocupação dos seus dirigentes em construir uma sede luxuosa que demonstrasse a importância que a agremiação atribuía aos espaços de sociabilidades modernas.

Talvez o que definitivamente colocou o Bahiano entre os maiores clubes esportivos da cidade foi a construção do *Bungalow*, sua terceira e maior sede social. Os planos do Bahiano eram bem ambiciosos. O primeiro passo para a “concretização de um sonho” foi adquirir o terreno onde funcionavam as duas primeiras sedes. Ambas eram bem modestas com um ou dois cômodos e eram utilizadas para pequenos eventos sociais como chás e piqueniques. O Terreno pertencia a Adelaide Tarquínio sócia do clube. Esta, “honrando o seu título de Sócia Honorária, vendeu ao clube o terreno por um preço muito aquém do seu valor real.”<sup>52</sup> Foram gastos 60:000\$000 para aquisição do terreno e não sabemos como esse dinheiro foi reunido, muito provavelmente era a receita das mensalidades e joias, seguramente as maiores entre todos os clubes baianos,

<sup>51</sup> MAIA, Aroldo. **Almanaque Esportivo da Bahia**. Salvador: Hellenicus, 1944, pp. 30.

<sup>52</sup> Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 159, 02 de julho de 1924.



e festas que buscavam arrecadar esta soma. Antes da construção, o então presidente do clube Joaquim Espinheira Costa Pinto em entrevista falava o que seria o *Bungalow* do Bahiano:

*Repórter: É bastante amplo e capaz de acomodar a grande freqüência que se verifica em todas as festas do Bahiano?*

*J. E. Costa Pinto: Para se avaliar da extensão do edifício, basta dizer que ocupa uma área de mais de 650 metros quadrados, sem incluir dependências, nem a ampla pérgula, circulando o vasto tablado para danças ao ar livre e o parque de diversão para crianças. – Somos forçados a fazer uma sede de tão grandes proporções, porque atualmente o nosso clube, já dispõe de mais de 610 sócios, o que não tenho dúvida em afirmar, porque na última sessão de diretoria assinei a carteira do 611.*

*Repórter: E como será a nova sede?*

*J. E. Costa Pinto: É difícil dizê-lo em todas as suas minúcias sem o projeto à mão. (...) Tenha paciência e aguarde a inauguração que será muito mais breve do que o público pode esperar. E considere-se, desde já, convidado para as festas dançantes que o clube dará todos os sábados.*

*Repórter: Todos os sábados?*

*J. E. Costa Pinto: Sim. Essas festas que classifico de comum, naturalmente serão quase sempre iniciadas, segundo projetamos realizar: por um diner concert, servido no restaurante do clube até às oito horas da noite. (...) Faremos também as festas das crianças, que já este ano assumiram proporções dignas de registro, fazendo-se distribuição de presentes a mais de mil crianças pobres<sup>53</sup>.*

Iniciadas as obras de construção em meados de 1923, o edifício ficou pronto em menos de um ano, confirmando as expectativas do seu presidente. A inauguração propositadamente na data da independência da Bahia, não seria diferente, foi marcada por muita pompa e no mundo esportivo foi considerado um dos maiores eventos sociais até então. Presentes no primeiro baile da nova sede o *A Tarde* noticiou:

*Noticiamos ontem mesmo as primeiras festas inaugurais do aristocrático grêmio da Barra Avenida.*

*O acontecimento social que foi essa inauguração culminou, à noite, no grande baile oficial.*

*Uma multidão elegante, legítimo expoente mudano, ocorreu aos deslumbrantes salões do alvinegro.*

*Decotes e casacas irrepreensíveis moviam-se, apertavam-se naquele ambiente de luzes, flores e perfumes.*

*Faziam-se danças ao som do jazz-band*

*Lá fora, a rua estava intransitável. Não há exemplo de tão compacto sereno.*

*E valia a pena.*

<sup>53</sup> Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 112, 26 de maio de 1923.



# VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2011  
www.veredasdahistoria.com

Ano IV - Ed. 1 - 2011  
ISSN 1982-4238

*Feericamente iluminado, com os seus vidros coloridos resplandecentes, a sede do Bahiano, vista de longe, era linda de ver-se. O baile continuou até alta madrugada.*<sup>54</sup>

Pelos salões pomposos e pelo jazz-band fica evidente que a inauguração do *Bungalow* representou a elevação do conceito de clube para Salvador. Até então, as agremiações da cidade tinham como principal característica o cultivo dos esportes propriamente ditos. Isso não quer dizer que não existiam festas ou eventos nas associações. Porém, estas eram secundárias. As sedes da maioria dos clubes eram mais utilizadas como reuniões e treinamentos. Não se podia esperar muito de alguns clubes, uma vez que as sedes existentes não eram muito estruturadas ao ponto de oferecer uma diversidade de atividades. Até mesmo a segunda sede do Bahiano só podia ser utilizada para algumas festas, reuniões e a prática do tênis no *court*. O diferencial do *Bungalow* era que várias atividades poderiam ser realizadas simultaneamente no clube. Dito de outra forma, a nova sede do Bahiano pretendia ser uma extensão da casa dos seus sócios. O edifício tinha dois pavimentos, contava com vários cômodos, salões, salas de leitura, um cinema, um restaurante, loja de souvenirs e vestiários. Além disso, o clube oferecia um serviço de Bar, de telefonia e até mesmo uma barbearia onde homens e mulheres tinham a sua disposição “serviços que variavam de 500 a 1\$500.” Finalmente, as crianças como havia dito o presidente não foram esquecidas pelo clube que tinha um parque que funcionava “das oito horas manhã até seis da tarde.”<sup>55</sup> Todos estes serviços e cômodos poderiam ser utilizados seguindo o regulamento do clube que fora minuciosamente elaborado e divulgado logo após a inauguração da sede.<sup>56</sup> As normas dos clubes eram marcadas pela distinção social. Os empregados efetivos do bar, por exemplo, “só se apresentarão em serviço, trajados convenientemente, na forma determinada pela diretoria.” Além disso, “qualquer empregado do clube em circunstância alguma discutirá com os sócios, que, por seu lado, têm o dever de os tratar com urbanidade.” Por sua vez, os sócios “no salão principal, na secretária ou na sala de leitura do *Bungalow* não poderão permanecer sem o paletó.”

<sup>54</sup> Jornal *A Tarde*, Salvador, 3 de julho de 1924.

<sup>55</sup> Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 159, 02 de julho de 1924.

<sup>56</sup> Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 159, 02 de julho de 1924.



Enfim, com tantos serviços, opções de lazer e, principalmente, espaços para festas e confraternizações que eram cada vez mais valorizadas, o Bahiano do Tênis se tornava um referencial de modernidade, luxo e distinção social para o mundo esportivo baiano. Para alguns cronistas, “oferecendo à Bahia um centro irrepreensível de distinção social, de fino e apurado gosto estético, onde todos podemos conviver entre a graça e o encanto das formosas baianas, o clube alvinegro realizou uma obra de alcance positivo, longínquo e duradouro.”<sup>57</sup>

Embora, no que se refere à disponibilidade de opções de lazer para os seus sócios, o *Bungalow* tenha sido um divisor de águas na história do clube, o alvinegro já se destacava, principalmente, pelas festas de fim de ano ainda nas sedes anteriores. Na edição especial em homenagem ao clube, a Revista *Semana Esportiva* revela detalhes do natal e ano novo de 1923:

*As festas de Natal e Ano Bom foram realizadas ao ar livre, efetuando-se as danças em um valso tablado, colocando no lado do pavilhão-sede.*

*A 24 de dezembro, foi rezada, interrompendo as animadas danças, a tradicional Missa do Galo, sendo o altar belíssimo, armado ao lar livre, no primeiro court, de frente para a sede. Era uma simples cruz muito alta e muito elegante, perdida em luzes. Durante o ofício religioso, fizeram-se ouvir, com afinada orquestra, maviosíssimas vozes, de distintas sócias do clube.*

*Na noite de 31 para 1 realizou-se ainda no Bahiano um elegantíssimo réveillon, a que a nata da sociedade baiana emprestou o fulgor e o prestígio da sua presença.*<sup>58</sup>

Mesmo em uma área aberta e sem muita estrutura podemos ver certo esforço em apresentar a festa do Bahiano enquanto distinta e civilizada. Contudo, foi no *Bungalow* em um ambiente fechado e com salões apropriados que as festas do aristocrático clube ganharam mais notoriedade. Já no dia anterior a véspera do réveillon, em 1924, o jornal *A Tarde* anunciava o brilhantismo da festa:

*As festas com que, amanhã o vitorioso clube Bahiano de Tênis festejará a entrada do ano novo, despedindo-se do velho ano, em que sobressairá um brilhante réveillon, constituirão um verdadeiro acontecimento mundano, já pelo esforço e cuidado com que as está organizando a digna diretoria do*

www.veredasdahistoria.com

<sup>57</sup> Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 159, 02 de julho de 1924.

<sup>58</sup> Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 159, 02 de julho de 1924.



# VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2011  
www.veredasdahistoria.com

Ano IV - Ed. 1 - 2011  
ISSN 1982-4238

*alvinegro, já pela ansiedade prazenteira com que o set da nossa sociedade as espera.*

*Melhor certeza de êxito, aliás, não pode haver do que a circunstância especial de organizá-las um clube do valor e do prestígio da sociedade da Barra Avenida.*

*Dando uma pequena idéia aos nossos leitores do que será o réveillon do Bahiano, basta dizer que para as vinte e cinco mesas reservadas, já se inscreveram cerca de 204 pessoas. A iluminação, a cargo de casa especializada, será positivamente inédita, deslumbrante, feérica, distribuída com arte pela pergola, varanda, árvores e todos os lugares onde seja possível colocar uma lâmpada. A noite de realce, porém constará da iluminação das salas a cores.<sup>59</sup>*

A preocupação com os mínimos detalhes como a iluminação inédita e especializada aponta para como os eventos sociais do Bahiano se constituíam em uma manifestação pomposa não só para os seus sócios, mas para a sociedade soteropolitana em geral. Para além dos seus adeptos, a preocupação do clube era entrar para a posteridade como uma agremiação requintada e luxuosa. Afinal, estas festas não eram frequentadas apenas pelos membros do clube, mas por toda alta sociedade. Basta observar que todas as vinte e cinco mesas já estavam reservadas. Sendo uma festa que transcendia o caráter interno do clube, os esforços em apresentar um evento suntuoso não deveriam ser poupados, afinal muita das cadeiras poderiam estar reservadas para jornalistas dos principais órgãos da cidade que no dia posterior poderiam rasgar elogios em suas colunas mundanas sobre as festas do clube.

Se uma grande estrutura era montada para atender esse tipo de exigência, com o público que participava destas festas não poderia ser diferente. Em especial o réveillon do Bahiano era frequentado pelas classes abastadas de Salvador e a apresentação destes sujeitos na festa buscava ser rigorosamente glamorosa. Este requinte parece ter existido nas festas do clube durante um bom tempo. No livro de memórias do Bahiano de Tênis de 1994, o sócio Álvaro Rubim de Pinho, então com 72 anos, revela detalhes do ritual do réveillon na década de 1930:

*O réveillon era uma festa com traje absolutamente a rigor e era de norma a sequência de um ritual. Até pouco antes da meia noite, as músicas eram em geral lentas e nostálgicas, se diria hoje, estilo tradicional. Pouco antes da meia-noite se fazia acender as velas, que existiam em todas as mesas*

<sup>59</sup> Jornal A Tarde, Salvador, 30 de dezembro 1924.





# VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2011  
www.veredasdahistoria.com

Ano IV - Ed. 1 - 2011  
ISSN 1982-4238

*reservadas, e nesse momento havia uma valsa que prenunciava que se estava próximo da meia-noite. À meia noite, exata era o apagar das luzes, com as velas acesas ou se acendendo, havia um toque do Hino Nacional com todas as pessoas de pé, e em seguida a isso, o repertório mudava inteiramente para músicas de Carnaval. Marchas e sambas de carnaval. E frequentemente nessa hora havia champanhe em todas as mesas. Havia a tradição de que o governador do Estado comparecia ao baile do Bahiano no réveillon. O Réveillon do Bahiano era considerado, mesmo depois que os outros clubes começaram a fazer, o réveillon elegante.<sup>60</sup>*

Embora os eventos do Bahiano fossem sinônimos de modernidade e distinção, os outros clubes esportivos também promoviam suas festas e confraternizações. Mesmo não rivalizando com o Bahiano e os seus acontecimentos sociais, o Vitória, Iapagipe e São Salvador promoviam aniversários, piqueniques, festas beneficentes e uma série de eventos que oportunizaram para os seus adeptos e familiares sociabilidades diferenciadas. No começo de suas atividades os clubes mais antigos sempre promoveram seus eventos, mesmo sendo modestos. Outra característica é que esses ainda se limitavam aos seus sócios e não tinham maiores intenções de abranger a sociedade de um modo mais amplo. Durante todo o mês de julho de 1908, por exemplo, o Vitória “promovia piqueniques para os seus sócios.”<sup>61</sup> Porém, as festas do rubro-negro que mais chamavam a atenção da sociedade eram os aniversários do clube. A comemoração do sétimo aniversário em 13 de maio de 1906 foi digna de nota pela imprensa:

*Por ser anteontem a data que assinalava o sétimo aniversário da instalação dessa florescente agremiação esportiva, reunidos os seus associados a festejarem condignamente, empossando a sua nova diretoria, que consta de jovens estimáveis do nosso meio social, cujos nomes já publicamos em uma das nossas passadas edições.*

*Dando largas a sua sincera satisfação, distintas adeptas do festejado clube fizeram celebrar-se uma missa na singela capela de Santo Antônio da Barra, em ação de graça pelo fato que se comemorava.*

*Alvo de carinhosa solicitude, Sport Club Vitória, recebeu muitas visitas, sendo digna de nota a que lhe fez uma comissão de dignos sócios do Club de Regatas Itapagipe, em nome do qual falou, oferecendo-lhe um belíssimo relógio como prova de confraternização e lembrança daquele dia, o Sr. Alberto de Sá.<sup>62</sup>*

<sup>60</sup> Clube Bahiano de Tênis – Memória – 1916 – 1994. Salvador: se. 1994, p. 41.

<sup>61</sup> Jornal Diário de Notícias, Salvador, 04 de julho de 1908.

<sup>62</sup> Jornal Diário de Notícias, Salvador, 15 de maio de 1906.



# VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2011  
www.veredasdahistoria.com

Ano IV - Ed. 1 - 2011  
ISSN 1982-4238

Os aniversários do Esporte Clube Vitória ao longo dos anos gradativamente ganharam contornos mais amplos. De pequenas festas exclusivas para os adeptos e no máximo para os clubes amigos, estas confraternizações se tornaram grandes eventos e na década de 1920 reuniam, como no ditame da época, a melhor sociedade soteropolitana. Comemorações cada vez maiores do decano dos esportes na Bahia colocavam o clube em conjuntura na qual o progresso do clube refletiria o desenvolvimento de Salvador.

A imprensa também reforçava este pensamento. A Revista *Semana Esportiva*, no vigésimo terceiro aniversário do clube, lembrava, por exemplo, que mais um ano de vida dos rubros negros significava “uma grande vitória para o esporte baiano” uma vez que aquele fato era “de grande contentamento para todos os que se interessam pelo progresso esportivo em nossa terra.”<sup>63</sup>

Já os eventos nos clubes São Salvador e Itapagipe apareciam na imprensa sobre a forma de festivais e bailes. Na década de 1900, momento de estruturação destes clubes, muitos eventos eram realizados em benefícios dos clubes para angariar recursos destinados à compra de materiais e organização das sedes. Em junho de 1906 destacamos um festival do Salvador para captar recursos para uma regata:

*Para ocorrer às despesas com a segunda regata da atual estação, regata que se realizará em Outubro próximo sob os auspícios do brilhante Club de Natação e Regatas São Salvador, resolveu este promover um festival em seu benefício, o qual se realizará na próxima sexta-feira, 8 do corrente, no Polytheama Bahiano, com a representação do importante drama, Memórias do Diabo, um dos melhores do repertório da companhia dramática, atualmente entre nós.*

*Para este festival que promete ser brilhantíssimo, sabemos já ser enorme a procura e encomenda de bilhetes, que se acham à venda no Café América.<sup>64</sup>*

Para os não sócios dos clubes estas festas se tornavam uma oportunidade para conhecer o cotidiano do clube e se sociabilizar com os adeptos. Vale lembrar que antes de 1910 o clube esportivo ainda era novidade na cidade. Muito provavelmente estas festas contribuía para a entrada de novos membros. Situado em uma península homônima, o Itapagipe ficava em um bairro tradicionalmente frequentado por

<sup>63</sup> Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 58, 13 de maio de 1922.

<sup>64</sup> Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 05 de junho de 1906.



veranistas. Deste modo, muitas pessoas não membros do clube participavam dos eventos da agremiação. Inclusive, alguns dos eventos eram promovidos pelos não sócios que entendiam que o surgimento do clube fomentou uma nova dinâmica para o bairro. Em meados de maio de 1906 encontramos diversas referências sobre excelentíssimas famílias que “residentes no arrabalde de Itapagipe, pretendem dar um baile, em honra ao Clube de Regatas Itapagipe, e oferece-lhe uma medalha de ouro no dia 26 do corrente mês.”<sup>65</sup>

De todos os eventos promovidos pelos clubes das elites soteropolitanas, talvez aqueles que mais se igualavam aos do Bahiano de Tênis eram também de dois clubes aristocráticos: a Associação Atlética da Bahia e o Yankee Foot-ball Club.

Conhecido como azulino, a Associação teve um início não muito diferente dos principais clubes soteropolitanos. Fundado em outubro de 1914 por “um grupo de rapazes amadores do *sport* bretão,”<sup>66</sup> a Associação começou de forma modesta. Entretanto, nos primeiros anos de atividade o clube já alcançava um progresso considerável. Um relatório da gestão do clube entre 1920-1 revelam a rapidez com que o clube se desenvolveu. No final de 1920 o clube contava com apenas setenta sócios, “em maioria atrasados.”<sup>67</sup> Buscando resolver o atraso das mensalidades, a diretoria realizou um “árduo trabalho” e em já em 1921, segundo os diretores “tivemos o prazer de ver o nosso esforço coroado em êxito; entraram para a nossa Associação, durante este curto prazo, 240 sócios novos, cuidadosamente escolhidos pela comissão de sindicância” Entre os sócios estavam, personalidades políticas e muitos profissionais liberais. Além disso, os sócios que estavam atrasados foram eliminados, “tendo de antemão comunicado aos mesmos, a fim de saber se desejavam de reabilitar.”<sup>68</sup> A situação financeira do clube também era significativa. “Sem nenhuma dívida, nem compromisso de qualquer natureza,” ao final da gestão o saldo deixado pela diretoria era de 2:860\$700. O sucesso do clube só não era completo, pois ainda não tinha uma sede à altura do progresso da agremiação. Como outros clubes a sede a Associação estava “provisoriamente instalada numa boa sala do Club Caxeiral,” embora para os

<sup>65</sup> Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 16 de maio 1906.

<sup>66</sup> Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 117, 21 de julho de 1923.

<sup>67</sup> *Relatório da Diretoria da Associação Atlética da Bahia, Exercício de 1920 – 1921*. 1921, p. 8.

<sup>68</sup> *Relatório da Diretoria da Associação Atlética da Bahia, Exercício de 1920 – 1921*. 1921, p. 8.



diretores esta não estivesse “à altura da nossa Associação.” Os gestores do clube naquele período deixaram para a nova diretoria “organizar uma sede onde possa dar festas dançantes, alcançando este *desideratum*, (sic) o nosso triunfo será completo.”<sup>69</sup>

Não demorou muito para que fosse construída uma sede pomposa. Já em 1920 a Associação havia alugado uma casa junto ao seu campo de treinamento onde os jogadores podiam “mudar de roupa, tendo armários especiais para guardá-las” Inclusive, “os sócios que moram longe do nosso campo têm ali casa para passar a noite e poder frequentar os treinos matutinos.”<sup>70</sup> Entretanto, apenas uma casa alugada não era suficiente. Assim o clube organizou para a construção de uma sede que ficou pronta em julho de 1923. Pelo que deduzimos, a Associação comprou a casa alugada localizada a Rua Barão de Itauna na Barra e promoveu naquele espaço uma série de modificações e ampliações.

Em entrevista a *Semana Esportiva*, em janeiro daquele ano, o presidente do clube, o Dr. Madureira de Pinho, anunciava que “além das grandes modificações internas do prédio, da decoração dos seus salões, (...) estamos construindo três courts de tênis e um *rink* de patinação, além de adaptação outras para diferentes jogos.”<sup>71</sup> Como os próprios adeptos do clube, a imprensa defendia a existência de uma sede que correspondesse à grandeza do clube. Para a revista *Semana Esportiva*, fundada em 1921 e o principal impresso esportivo cidade nos anos 1920, a “Associação Atlética estava devendo ao seu incalculável número de sócios e adeptos, que este clube os tem fervorosíssimo, a construção de uma sede com adaptações perfeitas que correspondessem aos seus créditos de clube *chic*.”<sup>72</sup>

A inauguração um dia após o comentário da revista foi um grande acontecimento social onde estiveram presentes personalidades com Clemente Mariani e principalmente o literato Coelho Netto e a equipe do Fluminense do Rio de Janeiro, o referencial de clube para as equipes baianas, que estava em Salvador para uma temporada de jogo a convite do Bahiano de Tênis. Ambas as personalidades citadas, inclusive, proclamaram discursos ressaltando o feito da Associação. Clemente Mariani

<sup>69</sup> Relatório da Diretoria da Associação Atlética da Bahia, Exercício de 1920 – 1921. 1921, p. 9.

<sup>70</sup> Relatório da Diretoria da Associação Atlética da Bahia, Exercício de 1920 – 1921. 1921, p. 9.

<sup>71</sup> Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 95, 27 de janeiro de 1923.

<sup>72</sup> Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 106, 14 de abril de 1923.



# VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2011  
www.veredasdahistoria.com

Ano IV - Ed. 1 - 2011  
ISSN 1982-4238

lembrou que com a nova sede a Associação Atlética “de agora em diante, mais refulgente ainda será a sua trajetória no seio da sociedade baiana e mais eficiente a sua atuação para o progresso nacional.”<sup>73</sup> A festa da inauguração durou todo o dia, sendo que na manhã ocorreram as cerimônias mais formais e à noite “foi o baile suntuoso, em que as inúmeras pessoas presentes, em sua maioria, o que a Bahia tem de mais encantador no belo sexo, estiveram alheias ao tempo, como se nos transportes de uma aventura perene.”<sup>74</sup> No momento da sua inauguração a sede da Associação foi considerada a maior e mais elegante entre os clubes baianos. Muito provavelmente o feito do clube azulino influenciou a construção de um edifício ainda maior pelo Bahiano de Tênis um ano depois.

Se a Associação Atlética e o Bahiano se regozijavam pelas suas sedes, o Yankee Foot-ball Club se sobressaía por outras qualidades. O clube foi criado pelos irmãos Aroldo Maia Bittencourt e Alexandre Maia Bittencourt Filho. Eram filhos de Alexandre Maia Bittencourt um importante engenheiro e fundador da escola politécnica em 1897, além de serem sobrinhos de Augusto Maia Bittencourt benemérito do clube e que fora um dos fundadores do Vitória e seu presidente em 1908. Finalmente, faziam parte da família Maia Bittencourt que no século XIX tinham membros envolvidos na medicina e no coronelismo.

Há relatos informando que o Yankee tinha um propósito inicial de ser ambientado por garotos de 15 e 16 anos. Aroldo o seu principal idealizador tinha 16 anos quando fundou o clube. O Yankee Foot-ball Club era considerado pela imprensa como um dos primeiros clubes da cidade que mais contribuía para uma regeneração física da sociedade. Isso porque era um dos poucos a praticar exercícios atléticos, os mais adequados para o aperfeiçoamento corporal. E este era uma dos seus diferenciais. A prática dos exercícios atléticos difundida pelo clube atraía adeptos que realizavam entre si diversos torneios internos. O mais famoso destes foi a “Corrida de Maratona”, organizada em 9 de outubro de 1921, na qual vários atletas de outros clubes participaram.

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

<sup>73</sup> Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 107, 21 de abril de 1923.

<sup>74</sup> Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 107, 21 de abril de 1923.



# VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2011  
www.veredasdahistoria.com

Ano IV - Ed. 1 - 2011  
ISSN 1982-4238

Se o Bahiano engrandecia a Bahia esportiva pelo tênis, o Yankee não fazia por menos no atletismo, principalmente porque esta atividade estava para os homens assim como o tênis, natação e ginástica estavam para as mulheres. Em outras palavras, os contemporâneos acreditavam que era o atletismo a atividade que mais favorecia o desenvolvimento do corpo masculino, dotando-o de força, destreza e harmonia. Através do aperfeiçoamento físico dos homens, as sociedades estariam mais preparadas para enaltecer o futuro da nação.

A existência de torneios de atletismo no Yankee era muito facilitada pelo fato do clube já naquele período possuir um campo de esportes. Localizado à Rua do Prado no Rio Vermelho, o *ground* do Yankee o tornava uma das poucas agremiações a ter um espaço para práticas esportivas diversas. Pelo que se sabe, apenas o Bahiano, Vitória e Associação Atlética tinham um campo particular. As outras equipes tinham que treinar ou praticar esportes no Campo da Graça ou nos *grounds* públicos. Contribuindo para o avanço do atletismo, o Yankee foi o primeiro a construir na Bahia uma pista de atletismo para os seus sócios. Enfim, além do futebol, os 204 sócios em 1923 contavam com um campo próprio, tinham nos torneios internos de atividades atléticas outras opções de lazer e sociabilidade.

Já fora do campo, o Yankee se destacou ao ser o único clube no período a ter um teatro. Fundado dois anos após a constituição do clube, o teatro tinha como corpo cênico, os adeptos e adeptas do clube. Apenas um ano após seu funcionamento, em 1916 o teatro já havia realizado cerca de 18 espetáculos, dos quais “6 foram recitais ordinários e 12 extraordinários.”<sup>75</sup> Naquele ano o clube ainda elaborou 14 peças diferentes as quais pelo menos uma foi executada. Ainda ocorreram “19 canções, 25 cançonetas, 24 monólogos, 2 duetos, 3 tercetos e 3 cenas cômicas.”<sup>76</sup> Enfim, pela qualidade e variedade de atrações, pode-se perceber que em apenas um ano de funcionamento o Teatro do Yankee teve uma atividade intensa, nos lavando a imaginar uma afluência considerável de espectadores.

## Concluindo

<sup>75</sup> Relatório de Atividades do Teatro do Yankee, 1917.

<sup>76</sup> Idem.



Observando a quantidade de clubes esportivos das elites e a variedade de eventos sociais protagonizados por estes ao longo das duas primeiras décadas do século XX, percebemos que a emergência destas agremiações expressava para as elites soteropolitanas o desejo de em vivenciar uma cultura urbana em uma cidade que, do ponto de vista estrutural, ainda oferecia pouquíssimas opções e equipamentos de lazer articulados com as novas sensibilidades mundanas. Neste sentido, é compressível a atitude das associações em ter uma vida social ativa, seja esta na forma de pequenos bailes e piqueniques, seja em natais e réveillons luxuosos. Juntamente com os cinemas, o *footing*, os carnavais europeizados, os clubes esportivos das elites se tornavam um espaço legítimo de novas sensibilidades e sociabilidades. Entidades como o Bahiano, a Associação, o Yankee e o Vitória se tornavam um espaço onde era possível reunir as principais práticas culturais almejadas pelas elites, uma vez que alguns deles tinham cinemas e até mesmo um teatro.

Investigando as atividades destes clubes, uma característica peculiar do seu desenvolvimento, sobretudo partir dos anos 1910 foi a sua capacidade de convergir práticas sociais e esportivas. Um dos motivos prováveis para a ascensão dos clubes esportivos naquela década foi que os seus organizadores idealizaram um grêmio que correspondendo ao ideal de valorização do corpo estética e fisicamente saudável, também tiveram uma preocupação com uma estrutura que permitisse uma interação social, para além da atividade física propriamente dita.

Finalmente, no campo esportivo soteropolitano, o surgimento e desenvolvimento dos clubes esportivos elitizados ocorrem de maneira descontínua e apresentando características dos contextos sociais em Salvador. Entre 1899 e 1915, o São Salvador, Vitória, Itapagipe, Internacional despontavam privilegiando um programa mais esportivo e apenas para os sócios. Talvez pelas próprias alterações na economia baiana não tinham condições de terem uma grande estrutura, diferente do Fluminense Foot-ball Club do Rio de Janeiro que em 1905 já possuía um campo próprio com arquibancadas.

Já a partir de 1916 ocorre uma mudança com acréscimo de novos sentidos quando a Associação Atlética, o Yankee e principalmente o Bahiano de Tênis surgem



# VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2011  
www.veredasdahistoria.com

Ano IV - Ed. 1 - 2011  
ISSN 1982-4238

na cidade incorporando mais sistematicamente festas, eventos sociais e outras sociabilidades mais comuns nos clubes sociais aos seus programas esportivos.

Há de se considerar que os clubes Associação, Bahiano e Yankee surgem dentro de um contexto de relativo desenvolvimento econômico da Bahia e de intensificação dos novos ideais. Embora seja comum atribuir o período 1890 a 1930 como a fase em que Salvador experimentou a chegada dos ideais modernos e civilizadores e passou por algumas reformas urbanas, entre 1912 e 1924 podemos averiguar na imprensa uma intensificação da propaganda de alguns valores, sobretudo em decorrência da gestão do governador J. J. Seabra entre 1912-16 que era exaltado como um dos principais responsáveis pela suposta modernização de Salvador. Em 1916, por exemplo, surgia na cidade a Revista *A Renascença* que muito louvava as intervenções urbanas de Seabra, tendo uma coluna de título a *Bahia Moderna* onde fotos da avenida sete, avenida oceânica entre outras ruas reformadas eram publicadas. É possível que as transformações da cidade e principalmente o que a imprensa dizia delas tenha influenciado os dirigentes daqueles clubes em seguir os passos da cidade, construindo grandes e modernos espaços de sociabilidade nas suas agremiações.

Ainda podemos acrescentar que com uma estrutura organizacional na forma de estatutos que regulava a participação dos sujeitos, a maioria dos clubes das elites impedia a entrada de negros e populares e assim se constituíam em um espaço marcado pela distinção sociorracial o que contribuía para a manutenção de hierarquias sociais nos novos tempos republicanos. O recorte temporal que compreende o surgimento do Vitória em 1899 e a construção do *Bungalow* pelo o Bahiano de Tênis em 1924 foi o período que os clubes esportivos dos abastados baianos tiveram para surgir, se organizar, se modernizar e se tornarem no início dos anos 1920 um dos principais espaços de lazer da elite soteropolitana.

Endereço:

Henrique Sena dos Santos  
Rua Nossa Senhora da Conceição, 16.  
Santa Mônica, Feira de Santana – BA – 44077-580.  
henrisena@hotmail.com





# VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2011  
[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

Ano IV - Ed. 1 - 2011  
ISSN 1982-4238

Recebido em: 07/12/2010

Aprovado em: 28/11/2011

*Veredas da História*



[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)